

## *A Economia Institucional Original no Brasil*

**Maríndia Brites<sup>1</sup>**  
**Felipe Almeida<sup>2</sup>**

*Resumo:* A Economia Institucional Original é um segmento do pensamento econômico genuinamente estadunidense. No entanto, hoje, o institucionalismo original “migrou” para outros países. O objetivo desse estudo é analisar se há uma vertente da Economia Institucional Original no Brasil. Para tal identificamos quem são os institucionalistas originais que atuam no Brasil e analisamos o tipo de institucionalismo que eles produzem – seus artigos científicos – e o tipo de institucionalismo que eles reproduzem – o programa de suas disciplinas. Os nossos resultados apontam que não é possível afirmar que existe uma vertente da Economia Institucional Original no Brasil, mas há institucionalistas originais brasileiros – que pode ser um primeiro passo para uma vertente institucionalista original brasileira – e há brasileiros que lidam com Economia Institucional de forma mais abrangente que Institucionalismo Original.

*Palavras-chave:* Economia Institucional Original, Velha Economia Institucional, Institucionalismo Americano, Institucionalismo Brasileiro, Institucionalismo no Brasil

*Classificação JEL:* B25, B52

*Abstract:* The Original Institutional Economics is a genuinely American segment of economic thought. However, nowadays, the original institutionalism “migrated” to other countries. The goal of this paper is to analyze whether there is a branch of Original Institutional Economics in Brazil. Therefore, we identify who the original institutionalists in Brazil are and analyze the type of institutionalism they produce – their articles – and the type of institutionalism they reproduce – the program of their courses. Our results show that it is not possible to affirm that there is a branch of Original Institutional Economics in Brazil, but there are Brazilian original institutionalists - which can be a first step towards a branch of Original Institutional Economics in Brazil - and there are Brazilians who deal with Institutional Economics more encompassing than Original Institutionalism.

*Keywords:* Original Institutional Economics, Old Institutional Economics, American Institutionalism, Brazilian Institutionalism, Institutionalism in Brazil

*Jel Classification Codes:* B25, B52

### **1. Introdução**

A Velha Economia Institucional, Economia Institucional Original (EIO) ou Institucionalismo Americano é um segmento da ciência econômica difícil de estudar. Essa

---

<sup>1</sup> Professora colaboradora de Economia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Brasil.

<sup>2</sup> Professor de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.

dificuldade se associa a heterogeneidade dos escritos institucionalistas (Rutherford 2011 e Fiorito 2012 e Kaufman 2017). Outro ponto controverso sobre a EIO é a sua fundação, não há consenso sobre quando esse movimento intelectual foi fundado. De acordo com os institucionalistas originais, os primeiros trabalhos de Thorstein Veblen (1857-1929) marcam o início da EIO, dessa forma esse movimento intelectual seria um fenômeno do final do século XIX (vide Mayhew 1987 e Hodgson 2004a). Para os historiadores do pensamento econômico, Veblen seria uma figura de grande inspiração para a EIO, mas não um fundador do movimento. Portanto, para esses, a EIO surge apenas em 1919, com a publicação dos artigos apresentados na sessão *Economic Theory* no congresso da *American Economic Association* de 1918 (vide Rutherford 1997 e Kaufman 2017).

Independente do rótulo fornecido ao Veblen, o seu papel para o institucionalismo é sempre enfatizado como fundamental. Em busca de uma análise econômica evolucionária, Veblen apresenta como hábitos de pensamento evoluem e geram uma organização econômica pautada na busca por *status*, ganhos pecuniários e interesses escusos (Gruchy 1947: cap.2). Veblen não foi a única figura inspiradora ou fundador do movimento institucionalista, a busca de John R. Commons (1862-1945) por uma perspectiva econômica que apontasse para um capitalismo razoável, também o caracteriza com um pioneiro no movimento institucionalista (Gruchy 1947: cap.3 e Rutherford 1983). Obviamente, com o passar do tempo a lista de institucionalistas originais se tornou longa, a saber: Wesley Mitchell (1874-1948), Walton Hamilton (1881-1958), John Maurice Clark (1884-1963) e Clarence Ayres (1891-1972), por exemplo.

No entanto, a EIO não se desenvolveu somente em solo estadunidense. No final do século XX, já haviam proeminentes institucionalistas europeus que se debruçavam sobre a EIO, o mais famoso deles é o institucionalista britânico Geoffrey Hodgson. A “migração” da EIO não foi um monopólio europeu e hoje existem institucionalistas originais das mais diferentes nacionalidades congregados na *Association for Evolutionary Economics (AFEE)*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A *AFEE* foi fundada por institucionalistas em 1965. A institucionalização da *AFEE* está ligada a ascensão de um novo *mainstream*, pautado na Economia Neoclássica, nos EUA. Em meados do século XX, os institucionalistas começaram a se sentir desprestigiados nos encontros da *American Economic Association (AEA)* e, em sua revista, a *American Economic Review (AER)*. A sensação era que o institucionalismo não era mais bem-vindo à *AEA* e *AER*, que o novo *mainstream* havia dominado esses fóruns. A *AFEE* foi fundada por institucionalistas e até hoje é uma casa para a EIO, embora haja abrigo para as demais abordagens heterodoxas (vide Cavalieri e Almeida 2017).

Nessa associação, há uma premiação para institucionalistas Latino Americanos, o *James H. Street Scholar Award*. A premiação é anual e na última década seis brasileiros foram agraciados com o prêmio. Isso é um indicativo de uma forte presença da EIO no Brasil. Por isso, o objetivo desse texto é analisar se há uma vertente da EIO no Brasil.

Para atingir o objetivo, este artigo identifica e analisa dois elementos: o corpo de conhecimento da EIO utilizada pelos brasileiros e a emergência de indivíduos e comunidades no Brasil que desenvolveram e propagaram esse corpo de conhecimento. O argumento é que vertentes não são formadas apenas pela construção de ideias, mas pela inter-relação entre ideias e comunidade, ou seja, a interação social dos institucionalistas originais brasileiros contribuiu para a divulgação e estabelecimento da EIO, e o corpo de conhecimento da EIO contribuiu para o surgimento de indivíduos e de grupos de institucionalistas originais no Brasil.

Nesse sentido, na seção 2, são apresentados os critérios utilizados para identificar os institucionalistas originais brasileiros. Os mesmos são identificados, tal como suas áreas de pesquisa dentro da EIO. Além disso, apresentamos o processo pelo qual surgiram estudiosos da EIO e como ocorreu a construção das redes sociais dos institucionalistas originais no Brasil. No item 3, analisamos o tipo de institucionalismo produzido na academia brasileira via um exercício bibliométrico. Comparamos mapas de co-citação de artigos produzidos pelos institucionalistas originais com institucionalistas originais brasileiros. A questão central é compreender as principais referências utilizadas pelos originais brasileiros para inferir o tipo de institucionalismo que eles produzem. A seção 4, apresenta como os institucionalistas originais brasileiros reproduzem aquilo que compreendem como institucionalismo no Brasil. Para tal, nós estudamos os programas das disciplinas sobre Economia Institucional lecionadas por eles. Nossas considerações finais fecham o texto.

## ***2. Uma Breve História da Economia Institucional Original no Brasil***

O primeiro desafio desse artigo foi identificar quem foram ou são os institucionalistas brasileiros que lidam com a Economia Institucional Original (EIO). Dessa forma, tivemos que estabelecer um critério para a identificação dos institucionalistas brasileiros. Quando

pensamos em identificação de pesquisadores no Brasil, o caminho mais direto parece ser a pesquisa por área (assunto) na Plataforma Lattes. No entanto, há uma série de abordagens econômicas que foram proclamadas ou se auto intitulam institucionalistas (vide Rutherford 1996). Logo, uma busca por termo poderia se revelar falha. Então, utilizamos uma pesquisa prévia antes de recorrermos à Plataforma Lattes. Em meados do século XX, os institucionalistas originais se sentiam desprestigiados nos encontros da *American Economic Association* (AEA) e nas publicações da *American Economic Review*, antes fóruns amigáveis à EIO. Esse desprestígio foi interpretado como uma exclusão e os institucionalistas originais fundaram a sua própria associação, em 1965, a *Association for Evolutionary Economics* (AFEE) que passou a publicar o *Journal of Economic Issues* (JEI) em 1967 (Cavalieri e Almeida 2017 e Böck e Almeida 2018).

De acordo com Bush (1991), desde a sua fundação o *JEI* é o principal veículo de estudos pautados na EIO. Dessa forma, recorreremos à um exercício bibliométrico para identificar autores brasileiros que publicaram no *JEI*. Após a identificação dos autores brasileiros que publicaram artigos no *JEI*, pesquisamos o currículo deles na Plataforma Lattes para verificar quais se auto intitulam como institucionalistas originais. Esse procedimento é necessário pois o *JEI* foi fundado por institucionalistas originais e possui uma clara inclinação à EIO, mas textos heterodoxos são bem-vindos à revista. Uma vez identificados os autores brasileiros que publicaram no *JEI* e que se identificam com EIO – institucionalistas brasileiros, doravante – também foi possível identificar os seus escritos, alunos, ex-alunos e universidades (nas quais trabalham ou trabalharam) também via Plataforma Lattes. Essa seção apresenta como a EIO desembarcou no Brasil, identifica os primeiros institucionalistas brasileiros e, a partir deles, busca identificar outros institucionalistas originais no Brasil que foram apresentados à EIO pelos primeiros.

A história oral aponta que Ramon Garcia Fernandez (Universidade Federal do ABC - UFABC) foi o primeiro a apresentar a EIO para o público brasileiro. Fernandez é uma grande figura da heterodoxia brasileira, ele estudou o lugar da retórica na economia (Fernandez 1996 e 2000) e vem estudando o espaço para o pluralismo na economia (Vasconcelos, Goulart e Fernandez 2018; Fernandez e Suprinyak 2019) e a EIO (Taioka, Almeida e Fernandez 2020; Fernandez 2021). Fernandez lecionou, no início dos anos 1990, uma disciplina de Microeconomia Heterodoxa, que engloba a EIO, no Programa de Pós-

Graduação em Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde era professor. Este é o primeiro registro do ensino institucionalista original no Brasil. Durante o doutorado, Fernandez teve contato com a EIO ao explorar a biblioteca da Universidade de São Paulo (USP), que expunha suas novas aquisições, incluindo novos números de periódicos, o *JEI* estava entre tais periódicos. Fernandez foi um autodidata no estudo da EIO. A UFABC, universidade na qual Fernandez leciona, parece ser um caso especial para a EIO no Brasil, dado que a disciplina da EIO é obrigatória para o curso de graduação – até onde sabemos, o único caso no Brasil. Além disso, no Programa de Pós-graduação da UFABC existem duas disciplinas que levam em conta o conteúdo da EIO: Microeconomia Heterodoxa e Pluralismo em Economia e Institucionalismo Radical. Fernandez não é o único institucionalista brasileiro na UFABC, Manuel Ramon Luz (UFABC) também se identifica com a EIO. O objeto de estudo principal de Luz é os escritos de Thorstein Veblen (Luz 2017 e 2019; e Luz e Hall 2019).<sup>4</sup>

Fernandez, que foi professor na UFPR (1993-2004), disseminou a EIO na instituição. Fernandez orientou Huáscar Pessali em seu mestrado. Pessali é o primeiro institucionalista brasileiro formado na tradição da EIO que não foi autodidata. Ele recebeu seu doutorado na *University of Hertfordshire*, orientado pelo institucionalista britânico Geoffrey Hodgson.<sup>5</sup> Como seu orientador de mestrado, Pessali também se tornou professor da UFPR e orientou outro institucionalista brasileiro, Felipe Almeida. Pessali foi professor de Almeida em seu mestrado e doutorado. Seguindo seu professor, Almeida tornou-se professor da UFPR.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> A UFABC possui muito potencial para se tornar um importante centro institucionalista original no futuro. Ela é uma universidade jovem, fundada em 2005. Em 2017, foi fundado o Programa de Pós-graduação em Economia da UFABC. Portanto, não há ainda doutorado no programa, uma vez que, no Brasil, os programas de pós-graduação são regulamentados pelo Ministro da Educação. De acordo com o regulamento, para um programa de pós-graduação oferecer um doutorado, o mestrado deve pontuar pelo menos 4 – de 0 a 7 – duas vezes seguidas em uma avaliação que ocorre a cada quatro anos. Como receber um doutorado é o primeiro passo na carreira docente, podemos afirmar que o potencial do segmento paulista em estruturar a formação de institucionalistas originais está sendo construído.

<sup>5</sup> Hodgson também orientou Fabiano Dalto (UFPR) e Alexandre Salles (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES). Dalto não é abordado aqui pois se identifica com o Pós-Keynesianismo. Salles é mais inclinado ao institucionalismo e pode ser considerado um Pós-Keynesiano Institucionalista. Salles, Pessali e Fernandez editaram um livro sobre a EIO: “Economia Institucional: fundamentos teóricos e históricos”. Salles, Pessali e Fernandez (2017) fizeram várias traduções de trabalhos importantes sobre a EIO para o português brasileiro.

<sup>6</sup> Os interesses de pesquisa de Pessali parecem estar divididos em: (1) uma análise crítica da retórica de Oliver Williamson, nesta agenda de pesquisa há uma relação de coautoria entre Pessali e Fernandez, seu ex-professor (vide Pessali 2009 e Pessali e Fernandez 1999 ); (2) empreendedorismo institucional, Pessali compartilha essa agenda de pesquisa com seu ex-aluno, Almeida (vide Almeida, Pessali e de Paula 2010 e Almeida, de Paula e Pessali 2014); e (3) a tomada de decisões em conselhos (ver Bassani, Gomes e Pessali 2020 e Barddal, Pessali

Além de Pessali e Almeida, há outro professor na UFPR que compõe a nossa amostra, Marco Cavalieri. Cavalieri não é um institucionalista *per se*, ele é um historiador da economia que lida repetidamente com a história da EIO.

Voltando aos primeiros institucionalistas brasileiros, além de Fernandez, classificamos David Dequech (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp), Octavio Conceição (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) e Sebastião Guedes (Universidade Estadual Paulista – UNESP) como os pioneiros da EIO no Brasil.<sup>7</sup> Dequech se interessou pela EIO em 1991 enquanto construía seu projeto de pesquisa para se candidatar ao doutorado. Três fatos chamaram sua atenção para a EIO: (1) o capítulo de Geoffrey Hodgson sobre o elo perdido entre a EIO e o Pós-Keynesianismo no livro de John Pheby (Hodgson 1989); (2) o livro de Hodgson de 1988, *Economics and Institutions* – que possivelmente chamou o interesse de Dequech por causa de (1); e (3) em 1991, Dequech frequentou o curso de um dos mais importantes pós-keynesianos brasileiros, Fernando Cardim de Carvalho (1953-2018). Em uma conversa informal, Cardim de Carvalho motivou Dequech a considerar se candidatar a um doutorado na *University of Tennessee*, um centro conhecido pelo apreço à EIO. No entanto, Dequech foi para o Reino Unido e recebeu seu doutorado em 1998, pela *University of Cambridge*, onde foi aluno de Geoffrey Harcourt. Os escritos do Dequech são focados em (1) os significados de *mainstream*, heterodoxia e pluralismo (Dequech 2017 e 2018); (2) o lugar das instituições na tomada de decisões (Dequech 2009, 2013); e (3) a noção de incerteza (Dequech 2004 e 2011).

Octávio Conceição, professor da UFRGS, teve contato com a EIO durante seu período na Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul. Durante a década de 1980, buscando compreender a crise no Rio Grande do Sul (que foi um transbordamento da crise brasileira da década de 1980), os integrantes da FEE passaram a estudar a regulação e a crise no sistema capitalista. O estudo da regulação motivou Conceição a ingressar na EIO.

---

e Gomes 2021). Para além da agenda de investigação que partilha com o seu ex-professor (empreendedorismo institucional), os interesses de investigação de Almeida parecem estar divididos em: (1) questões teóricas da EIO (ver Almeida 2011 e 2014); (2) leitura de questões econômicas por meio da EIO (ver Almeida e Mortari 2021 e Gambus e Almeida 2017); e (3) história da EIO (ver Almeida e Cavalieri 2020 e Cavalieri e Almeida 2017).

<sup>7</sup> Nessa seção, as informações sobre ex-alunos, universidades e produção bibliográfica foram extraídas dos currículos na Plataforma Lattes dos institucionalistas brasileiros. As informações sobre como Fernandez, Conceição e Guedes entraram em contato com a EIO foram extraídas de entrevistas com os mesmos. Dequech forneceu informações sobre como entrou em contato com a EIO para os autores em e-mail datado de 04 de outubro de 2021.

Quando ele se tornou um candidato ao doutorado em meados da década de 1990, o Brasil lidava com um plano de estabilização econômica, o “Plano Real”. Segundo Conceição, o debate midiático defendia que o sucesso do plano dependeria de sua ligação com as instituições brasileiras da época. O debate sobre regulação, o “Plano Real” e a busca pelo conceito de instituição – que mais tarde faria Conceição encontrar os escritos de Thorstein Veblen – o motivou a estudar EIO em seu doutorado. Conceição estuda a convergência entre abordagens heterodoxas (ver Conceição e Ferrari 2005 e Conceição e Gabriani, 2019) e a leitura institucionalista da economia brasileira (ver Conceição, 2003 e Lopes, Conceição e Pereira 2016).<sup>8</sup>

Sebastião Guedes é o responsável pela divulgação dos escritos de John R. Commons no Brasil. Guedes recebeu seu bacharelado e mestrado pela UNESP – onde atualmente é professor. Durante seu doutorado, na Unicamp, estudou a integração vertical da agroindústria canavieira brasileira. Nessa perspectiva, os escritos de Oliver Williamson (1932-2020) foram apresentados a Guedes, que depois aprofundou seus estudos na Nova Economia Institucional (NEI). No entanto, ao estudar a NEI, Guedes percebeu seus limites e passou a buscar alternativas. Logo após receber seu doutorado Guedes começou a estudar Commons. Podemos dizer que a percepção de inadequação na NEI conduziu Guedes para o estudo da EIO. Guedes é autor do único livro sobre Commons em português brasileiro – Guedes (2019)<sup>9</sup>. Portanto, podemos supor que os primeiros institucionalistas brasileiros se aproximaram da EIO por (1) curiosidade desinteressada, no caso de Fernandez e Dequech, e (2) procurando por uma abordagem econômica convincente para explicar os fenômenos econômicos, no caso de Conceição e Guedes.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> A UFRGS e, conseqüentemente, o Conceição possuem um papel importante para a disseminação do pensamento institucionalista original no Rio Grande do Sul. Herton Lopes, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), ex-aluno do Conceição, e Adriano Pereira (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM), doutor pela UFRGS, compartilham a perspectiva institucionalista lecionada por Conceição na UFRGS.

<sup>9</sup> A UNESP possui uma situação similar com a UFABC. O Programa de Pós-graduação em Economia da UNESP foi reformulado em 2003, o que atrasou a fundação do doutorado, que ocorreu apenas em 2019. Portanto, ninguém recebeu um doutorado por esse programa da UNESP. Logo, nessa universidade está começando a ser explorado o seu potencial para uma maior contribuição na formação de institucionalistas originais no Brasil.

<sup>10</sup> Cabe destacar que há potencial para a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) se tornar um centro institucionalista original em um futuro próximo. Dequech foi orientador do Oz Iazdi, professor da UEMS. Jonattan Castelli, ex-aluno de Conceição, é professor da mesma universidade.

### ***3- Textos Brasileiros sobre a Economia Institucional Original***

Nesse item, a nossa análise está pautada na verificação do tipo de institucionalismo produzido na academia brasileira. Para realizar a análise consideraremos os artigos publicados pelo *JEI* desde 1999 até 2020. A escolha da revista como meio de identificação de textos institucionalistas já foi justificada nesse artigo, a *JEI* é o principal veículo de divulgação de estudos pautados na EIO. A escolha da amostra, textos publicados entre 1999 e 2020, foi escolhida pois, em 1999, foram publicados os primeiros textos de autores brasileiros no *JEI*, a saber Anjos (1999) e Pessali e Fernandez (1999). Para analisar o tipo de institucionalismo produzido por autores brasileiros, esse estudo recorre à análise bibliométrica.<sup>11</sup> As referências dos artigos de nossa amostra foram bibliometricamente agrupadas em redes de co-citação. A co-citação é a frequência com que dois documentos são citados conjuntamente (Small 1973). Duas referências são consideradas co-citadas quando ambas foram referenciadas por pelo menos um artigo de nossa amostra. O *cluster* plota as referências mais relevantes, o que significa as referências mais co-citadas. Nas figuras as referências são representadas por círculos e quanto maior o círculo mais co-citações a referência obteve. Através das co-citações entre múltiplas referências um *cluster* é evidenciado. A relação entre as múltiplas co-citações de um *cluster* sugere o tema do mesmo.

Para analisar o tipo de institucionalismo produzido na academia brasileira, a nossa análise compara dois mapas de co-citação. Um dos mapas considera todos os textos publicados pelo *JEI* entre 1999 e 2020. O outro mapa considera apenas os textos publicados por profissionais da academia brasileira. Ao comparar um mapa de *cluster* com o outro,

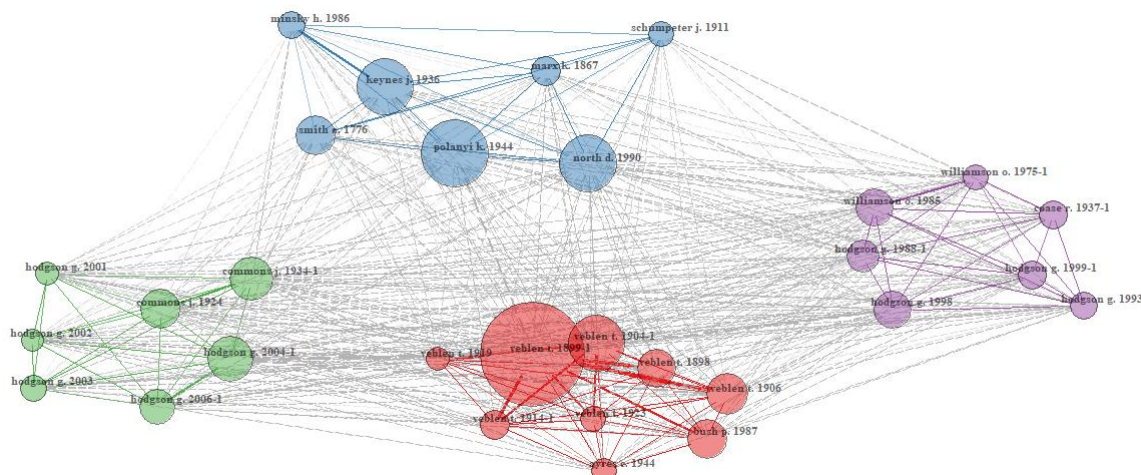
---

<sup>11</sup> A bibliometria é uma ciência composta por um conjunto de métodos estatísticos, que a partir dos dados de artigos em periódicos científicos, analisa qualitativamente os dados científicos e sua evolução ao longo do tempo. Além disso, permite a quantificação da estrutura científica, a análise das estruturas intelectuais e o estabelecimento das interações sociais entre os autores (Mählek & Persson 2000). As informações do *JEI* foram extraídas do sistema online de arquivamento de revistas acadêmicas JSTOR. A análise de co-citação foi realizada no programa de estatística R, especialmente o pacote *bibliometrix*, que importa dados bibliográficos e permite o mapeamento científico.



podemos verificar se o institucionalismo produzido por professoras e professores do Brasil se assemelha aquele produzido internacionalmente e veiculado pelo *JEI*. A Figura 1 ilustra o mapa de co-citação de todos os textos publicados pelo *JEI* entre 1999 e 2020. Nessa figura, há quatro *clusters*. Há um *cluster* na parte central e no lado inferior da Figura 1 que é composto por uma série de obras do Thorstein Veblen (Veblen 1898, 1899, 1904, 1906, 1914, 1919 e 1923), o mais influente livro do Clarence Ayres (Ayres 1944) e um texto seminal do Paul Dale Bush (Bush 1987). Veblen é a grande figura inspiradora do movimento institucionalista nos EUA. Notadamente, os artigos que geraram esse *cluster* lidam com a obra do Veblen como um todo. Em geral, o *best seller* do Veblen, *The Theory of Leisurre Class* (1899), tende a monopolizar o debate sobre os escritos do pensador. Esse não é o caso, os textos que compõem o *cluster* lidam com a forte demanda do Veblen em prol de uma economia evolucionária (Veblen 1898), a análise dos negócios e barões da indústria dissociadas de uma noção de eficiência produtiva *mainstream* (Veblen 1904 e 1919), dentre outros. Considerando que as citadas obras de Veblen estão no mesmo *cluster* que Ayres (1944) e Bush (1987), podemos ser assertivos em mencionar que esse *cluster* se baseia em textos que lidam com a análise da mudança institucional através da dicotomia cerimonial-instrumental.

Figura 1 – Mapa de co-citação – artigos publicados pelo JEI



A carreira de Veblen foi errática com mudanças constantes de universidade e sem deixar “descendentes intelectuais” diretos. Dessa forma, não houve um institucionalista que

foi aluno de Veblen e seguiu com o seu legado.<sup>12</sup> Ayres, embora não tenha sido aluno de Veblen, seguiu com o legado, ele ofereceu uma leitura da mudança institucional, tal como definida por Veblen, que pode ser compreendida como um aprofundamento. Aluno do Ayres e alunos dos seus alunos buscaram aprimorar a análise da mudança institucional via dicotomia cerimonial-instrumental. Dentre os alunos do Ayres, Paul Dale Bush se destaca e seu texto *The Theory of Institutional Change* (1987), que também compõe o *cluster* na parte central e inferior da Figura 1, é um clássico sobre dicotomia cerimonial-instrumental.

Há outro *cluster - a esquerda* na Figura 1 - composto apenas por obras de institucionalistas originais, John R. Commons e Geoffrey Hodgson. Commons é tido como um dos fundadores do movimento institucionalista – comumente Veblen e Commons são classificados como os primeiros institucionalistas.<sup>13</sup> Commons apresenta uma perspectiva institucionalista reformista que buscava direcionar as questões econômicas para um capitalismo razoável (vide Guedes 2019: Capítulos 4 e 5). O foco da análise do Commons foi a transação e o impacto de poder econômico daquelas que transacionam (Commons 1931). Nesse contexto, as transações do mercado de trabalho e o papel dos sindicatos foram centrais para Commons (Guedes 2019: Capítulo 1). Geoffrey Hodgson é um grande institucionalista britânico de final do século XX e início do século XXI. Hodgson possui grandes contribuições metodológicas sobre a abordagem evolucionária e grandes obras sobre teoria institucional. Por um lado, Hodgson pode ser compreendido como um Vebleniano pois desenvolve a noção de hábitos coletivamente compartilhados como as instituições. Por outro lado, Hodgson abandona o debate sobre o conteúdo dos hábitos, assim deixando de lado a crítica social Vebleniana (Almeida 2022). Pelo esvaziamento da crítica social, muitas vezes Hodgson é criticado pelos institucionalistas americanos contemporâneos, como, por exemplo, em Hall (2011).

Esse *cluster* composto por trabalhos de Commons e Hodgson, pode, a princípio, despertar grande curiosidade pois apesar de sempre ser muito elogioso aos escritos de

---

<sup>12</sup> Por aluno, entende-se alguém que se doutorou com orientação do Veblen e manteve a sua pesquisa nas mesmas bases. Obviamente, Veblen influenciou uma grande quantidade de ex-alunos e pessoas que cursaram suas disciplinas, tal como Wesley Mitchell.

<sup>13</sup> Obviamente, outros são citados como institucionalistas primordiais, tal como Wesley Mitchell e Walton Hamilton. No entanto, Veblen e Commons são os nomes sempre presentes na menção ao início do movimento institucionalista.

Veblen, Hodgson não tem o mesmo apreço pelas obras de Commons.<sup>14</sup> Dado o posicionamento crítico do Hodgson ao Commons, nós recorremos aos artigos publicados no JEI que citaram Hodgson e Commons conjuntamente – artigos esses que culminaram no *cluster* à esquerda na Figura 1. O nosso ponto foi compreender como os dois pensadores foram citados conjuntamente. Dentre os artigos do JEI que citaram Hodgson e Commons conjuntamente, os cinco textos com maior número de citações são Hodgson (2006), Hodgson (2007), Elsner (2012), Rutherford (2000) e Hodgson (2005). Estudamos estes artigos compreendendo que essa é uma amostra boa o suficiente para nos informar o tema e conteúdo do *cluster*. De acordo com esses textos, não se vê um claro antagonismo entre Hodgson e Commons, como poderíamos esperar – dado a perspectiva de Hodgson sobre os escritos de Commons. Logo, concluímos que a questão central do *cluster* é uma abordagem institucional abrangente o suficiente para considerar tanto os escritos de Commons quanto os escritos do Hodgson.

Há mais dois *clusters* na Figura 1 que não se associam com o Institucionalismo Original. Um desses *clusters* fica na parte superior da Figura 1 e não possui obras institucionalistas ou possui apenas uma, uma vez que *The Great Transformation* (1944) de Karl Polanyi faz parte do *cluster*. A alternativa em relação a inexistência de obra institucionalista no *cluster* diz respeito a classificação de Polanyi como um institucionalista original. Inquestionavelmente, Polanyi foi um institucionalista. Ele não fez parte do movimento do institucionalismo americano, no entanto, foi absorvido pelo mesmo – vide Stanfield (1980), Wrenn (2016) e Zalewski (2018). Então, se considerarmos essa absorção, há um texto institucionalista nesse *cluster*. Independentemente dessa questão de classificação, há mais seis obras no *cluster* que, com certeza, não podem ser classificadas como institucionalistas originais, a saber: Keynes (1936), Marx (1867), Minsky (1986), North (1990), Smith (1776).<sup>15</sup>

O outro *cluster* que não se associa com o Institucionalismo Original está à direita na Figura 1. Nesse *cluster*, o afastamento ao Institucionalismo Americano é menor pois há

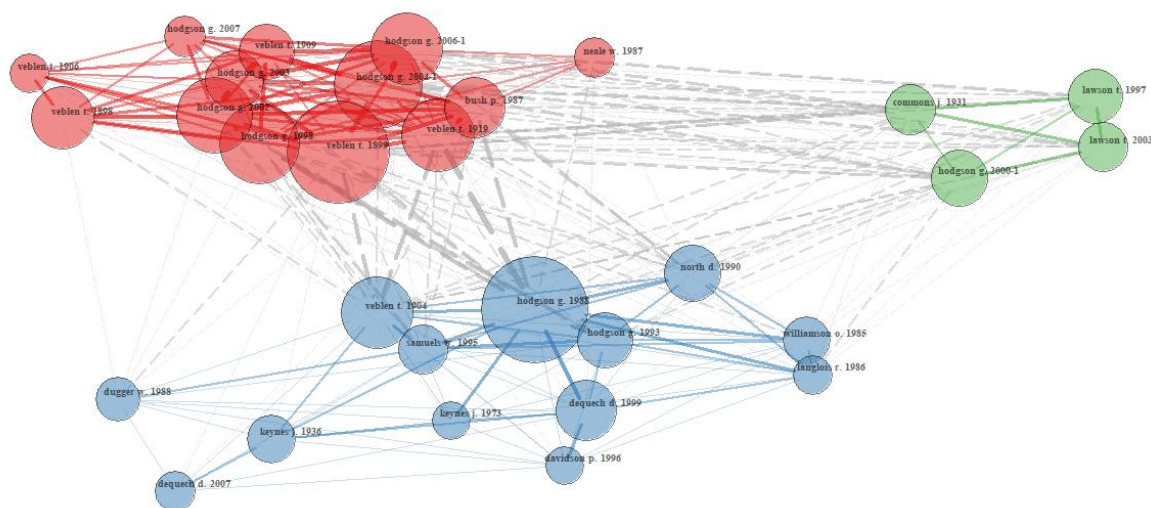
---

<sup>14</sup> Por exemplo, de acordo com Hodgson (2004a: 286), “[...] Commons did not have the stature of a major theorist such as Alfred Marshall or Karl Marx. Furthermore, he did not have the aptitude for careful definitions or logical chains of reasoning”.

<sup>15</sup> Cabe destacar que Hyman P. Minsky foi um pensador muito próximo dos institucionalistas americanos, ele publicou diversos textos no *Journal of Economic Issues* e recebeu o *Veblen-Commons Award*, o prêmio de maior honra entre os institucionalistas originais, em 1996. No entanto, é questão pacífica, tanto na historiografia quanto na heterodoxia, a classificação de Minsky como um Pós-Keynesiano.

quatro obras do Geoffrey Hodgson. No entanto, duas obras do Oliver Williamson e uma obra do Ronald Coase, pensadores relacionados à NEI, também compõem o *cluster*. A NEI é uma outra abordagem institucional que não possui associação com a EIO (vide Dugger 1990, Rutherford 1996 e Maucourant 2012). Os textos que citam as obras desse *cluster* lidam com possíveis aproximações e afastamentos entre o Institucionalismo original e a NEI.

Figura 2 – Mapa de co-citação – artigos publicados pelo JEI por autores brasileiros



A Figura 2 ilustra o mapa de co-citação de textos de autoria de professores em universidades brasileiras publicados pelo *JEI* entre 1999 e 2020. Nesse caso, temos apenas três *clusters*. Há um *cluster*, no topo da Figura 2, composto por diversos textos do Veblen – Veblen (1898, 1899, 1906, 1909 e 1919) – e do Hodgson – Hodgson (1998, 2002, 2003, 2004b, 2006 e 2007). Além disso, dois artigos clássicos do JEI fazem parte do *cluster*: Bush (1987) and Neale (1987).<sup>16</sup> Já apresentamos Bush (1987) como um texto clássico

<sup>16</sup> A mesma data de publicação de ambos os textos clássicos não é coincidência. O Institucionalismo Original viveu um momento de redescoberta na década de 1980. O estabelecimento da *Association for Evolutionary Economics (AFEE)* ocorreu através de muita heterogeneidade sobre a compreensão do movimento institucionalista. Mesmo assim a *AFEE* foi fundada como o *status* de uma grande associação. Em 1967, a *AFEE* lançou a sua revista, o *Journal of Economic Issues*, que enfrentou uma grande instabilidade editorial em seus primeiros anos. Essa instabilidade cessou quando Warren Samuels assumiu a função de editor da revista em 1971, cargo que ocupou por uma década – logo, até 1981. Samuels foi um grande editor, porém era um pluralista radical, isso tornou a identidade da revista nebulosa. Dessa forma, depois de um intenso debate sobre o que é o institucionalismo na fundação da associação e uma nebulosidade na identidade que poderia ser extraída da revista, nos seus primeiros 14 anos, os institucionalistas buscaram revisitar o institucionalismo. O resultado desse processo foram os volumes 3 e 4, 1987, do *Journal of Economic Issues* (Böck e Almeida 2018,

sobre a dicotomia cerimonial-instrumental. Neale (1987) também pode ser considerado um grande texto institucionalista sobre a análise institucional.<sup>17</sup> Na Figura 1, há um *cluster* associado a referências de textos sobre a dicotomia cerimonial-instrumental. Isso também acontece no caso do *cluster* no topo da Figura 2, pois obras do Veblen e Bush (1987) fazem parte do *cluster*. No entanto, os trabalhos do Hodgson não se debruçam sobre a mesma análise da mudança institucional. Hodgson analisa a mudança institucional a partir da relação agência-estrutura através da possibilidade de indivíduos modificarem instituições – causação ascendente – e instituições modificarem indivíduos – causação reconstitutiva descendente (Hodgson 2003 e 2004b – textos que fazem parte do *cluster*). Além disso, os outros textos do Hodgson que compõem o *cluster* lidam com a definição do institucionalista britânico sobre economia institucional, que está tematicamente alinhado com Neale (1987). Dessa forma, diferente do caso da Figura 1, não há um *cluster* especificamente sobre a dicotomia cerimonial-instrumental. No entanto, há um *cluster* que aborda a dicotomia cerimonial-instrumental, mas também lida com outra perspectiva de mudança institucional – a contribuição do Hodgson ao tema – e a análise institucional. Dessa forma, podemos compreender que os institucionalistas brasileiros não seguem estritamente a abordagem de Ayres e Ayresianos para a mudança institucional. Os brasileiros lidam com o tema de uma forma mais abrangente.

Há um outro *cluster* que, abaixo na Figura 2, que reforça a abrangência com que os brasileiros encaram o institucionalismo. Esse *cluster* é não somente composto por obras de Veblen e Hodgson, mas também do institucionalista radical William Dugger, o institucionalista e historiador em pensamento econômico Warren Samuels, o Pós-Keynesiano Paul Davidson, o Pós-Keynesiano e institucionalista brasileiro David Dequech, John Maynard Keynes, os Novo institucionalistas North e Williamson e o austríaco Richard Langlois. Trata-se de um claro emaranhado de referências no qual há referências que implicam em posicionamento teórico metodológicos antagônicos. O que une tais referências é o apreço por um papel desempenhado pelas instituições na análise econômica – convenções no caso de Keynes e Pós-Keynesianos. No entanto, há uma grande

---

Almeida e Cruz-e-Silva 2020). Bush (1987) e Neale (1987) fazem parte do resultado de revisita ao institucionalismo.

<sup>17</sup> Apesar do foco de Neale (1987) ser teoricamente o conceito de instituições, o desenvolvimento do texto foca mais na análise institucional do que no conceito de instituições.

diversidade tanto no conceito de instituições quanto nos papéis que as mesmas podem ou devem desempenhar na economia. Por isso, associamos esse *cluster* com o tema instituições e economia. O que significa uma preocupação não com uma escola institucionalista propriamente dita, mas com as instituições na análise econômica. Não há um *cluster* com essas características na Figura 1, isso indica que a análise de instituições e economia é uma característica dos brasileiros que realizam estudos que lidam com o institucionalismo original.

Por fim, há um *cluster* à direita na Figura 2, composto apenas por 4 obras; Commons (1931), Hodgson (2000) e Lawson (1997) e Lawson (2003). Os dois primeiros são textos que apresentam elementos que compõem o institucionalismo original. Os dois últimos são textos do metodólogo britânico Tony Lawson. Analisando os quatro textos conjuntamente, esse *cluster* indica estudos metodológicos sobre o institucionalismo original, mais especificamente estudos que se pautam no realismo crítico, especialidade do Lawson. Uma análise metodológica do institucionalismo original é uma peculiaridade dos estudos brasileiros, dado que um *cluster* com a mesma temática não faz parte da Figura 1.

#### ***4- Apresentação da Economia Institucional Original no Brasil***

A seção anterior analisou o tipo de institucionalismo que os institucionalistas brasileiros produzem tendo a EIO como referência. A questão a ser respondida era “os institucionalistas brasileiros produzem EIO?” Para tal analisamos se a vertente teórica dos textos dos brasileiros – principais referências bibliográficas – se assemelham a vertente teórica dos textos que lidam com EIO. Esse é uma forma de analisar se há uma vertente da EIO no Brasil. Uma outra forma é estudar como os institucionalistas brasileiros apresentam o que chamam de Economia Institucional em seus cursos. Nessa segunda forma, é examinado como os institucionalistas brasileiros compreendem aquilo que eles entendem por institucionalismo deve ser apresentado para as próximas gerações. Nessa seção, nós analisamos os programas das disciplinas dos indivíduos que identificamos como institucionalistas brasileiros no item 1 desse artigo<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> O acesso aos programas das disciplinas dos institucionalistas brasileiros ocorreu de formas diferentes. Inicialmente, buscamos os programas nos sites dos departamentos e programas de pós-graduação aonde os institucionalistas brasileiros atuam. Somos felizes em apenas um caso, conseguimos o programa do Dequech

Na seção 1, a partir da identificação de institucionalistas brasileiros foram identificadas duas universidades nas quais há mais de um institucionalista como professor: a UFABC, aonde Fernandez e Luz trabalham, e a UFPR, aonde Pessali, Almeida e Cavalieri são professores. Na UFABC, Fernandez e Luz lecionam conjuntamente as disciplinas “Tópicos Avançados em Economia Institucional” na graduação e “Tópicos Especiais em Economia: Institucionalismo Radical” na pós-graduação. Apesar de disciplinas segmentadas, a oferta das mesmas acontece de forma conjunta para discentes da graduação e pós-graduação. A disciplina foca na apresentação das perspectivas institucionalistas críticas da ordem econômica contemporânea. Apenas por essa definição, poderíamos assumir que o ponto de Fernandez e Luz não seria apresentar a EIO na disciplina, pois a mesma comportaria qualquer análise institucional crítica a economia recente. No entanto, a estrutura dos cursos sugere uma forte adesão a EIO. As disciplinas são divididas em três partes: (1) os fundamentos do pensamento de Karl Polanyi; (2) os fundamentos de Veblenianos do Institucionalismo Radical estadunidense de William Dugger; e (3) a relação entre o institucionalismo com as propostas de aplicação da Teoria Monetária Moderna. Todos são temas caros ao debate contemporâneo da EIO.

Luz, além das disciplinas ofertadas com Fernandez, leciona “Economia Institucional I” na graduação e “Microeconomia B” na pós-graduação. A primeira apresenta (1) os fundamentos, principais temas e autores da EIO e a crítica à economia clássica e neoclássica, (2) a NEI de Williamson e North, (3) a economia institucional contemporânea de Hodgson e (4) a aplicação da EIO na Teoria Monetária Moderna e nas questões ambientais. A segunda disciplina não aborda a EIO exclusivamente, mas trata o comportamento dos agentes, o mercado e as instituições sob o ponto de vista da economia heterodoxa com pitadas da EIO. Dessa forma, podemos afirmar que a disciplina lecionada por Luz na graduação não explora EIO exclusivamente, mas predominantemente, e há espaço para o debate institucionalista na disciplina de microeconomia heterodoxa que Luz leciona na pós-graduação.

---

via <https://www.eco.unicamp.br/grade?view=article&id=2856:programas-das-disciplinas-novo&catid=35>, com acesso em 03 de fevereiro de 2021. Para termos acesso aos demais programas, enviamos e-mails aos institucionalistas brasileiros e explicamos o estudo que estávamos desenvolvendo. Felizmente, todos os demais institucionalistas brasileiros nos atenderam prontamente e enviaram os seus programas.

Na UFPR, o Cavalieri não leciona uma disciplina sobre Economia Institucional. Pessali leciona disciplinas que incluem a Economia Institucional tanto na graduação quanto na pós-graduação. No Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPR, Pessali leciona a disciplina “Comportamento e Instituições” e “Instituições e Economia Participativa”. Nas disciplinas são apresentados os conceitos de racionalidade limitada, tomada de decisão individual e instituições no contexto das políticas públicas, no caso da primeira, e as definições de participação, representação e deliberação, no caso da segunda. As bibliografias sugeridas nas duas ementas não apresentam autores da EIO, com exceção de Commons (1931) e Hodgson (2006) na disciplina de “Comportamento e Instituições”.

Para a graduação na UFPR, Pessali oferta a disciplina “Economia e Instituições”, um curso que pode ser compreendido como uma adaptação do conteúdo da disciplina “Comportamento e Instituições” – lecionada para a pós-graduação – para graduação. Nessa adaptação, há a inclusão de um tópico sobre custos de transação, da NEI. Dessa forma, podemos concluir que o nome da disciplina “Economia e Instituições” reflete exatamente o que o Pessali leciona, o papel nas instituições em diferentes perspectivas econômicas sem predileção por uma abordagem específica. Almeida faz o oposto, leciona uma disciplina pautada apenas em uma única abordagem institucional, a EIO. Almeida oferta a disciplina “Economia Institucional” no programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico na UFPR. O programa tem por objetivo discutir a EIO e apresentar a perspectiva dos institucionalistas originais (Veblen, Commons, Ayres e Mitchell), além do institucionalismo contemporâneo (*Cactus Branch* e Institucionalismo Radical) e análises pautadas na EIO para compreender fenômenos econômicos Latino Americanos com ênfase para o Brasil.

Dequech leciona a disciplina “Economia e Instituições” no programa de Pós-Graduação em Economia da Unicamp. A ementa apresenta-se como uma tentativa de apontar as limitações da economia *mainstream* e propor elementos para uma abordagem econômica alternativa e divide-se em duas partes. Na primeira parte são apresentados (1) o conceito de instituições, (2) diferentes tipos de instituições – instituições tecnológicas e instituições financeiras, (3) instituições para a economia *mainstream* e (4) instituições da ciência econômica. Na segunda parte, o programa foca na relação entre as instituições e o comportamento e pensamento dos agentes, são apresentadas questões sobre ação,



convenção, normas sociais, normas de comportamento, conformidade e empreendedorismo tecnológico. A bibliografia do curso é diversa, no entanto não aborda EIO. Dessa forma, o programa da disciplina do Dequech possui uma similaridade com as disciplinas lecionadas por Pessali, lidam com o papel das instituições na análise econômica de forma geral – não focam em apenas uma perspectiva.

Conceição leciona a disciplina “Economia Institucional” no Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRGS. Essa disciplina tem como objetivo apresentar o conceito de instituição e as principais abordagens institucionalistas, incluindo a EIO. Dentre os escritos dos institucionalistas originais, o curso do Conceição aborda textos dos fundadores do institucionalismo original, Veblen e Commons, e pensadores contemporâneos, como Geoffrey Hodgson e Warren Samuels, por exemplo. A NEI é apresentada via as contribuições de Williamson, Coase e North. Além disso, o curso discute conexões do institucionalismo com outras escolas heterodoxas, como o Neo-Schumpeterianismo, o Pós-Keynesianismo e o Marxismo. O curso “Economia institucional: origens, desenvolvimento e impasses”, ofertado por Guedes no Programa de Pós-Graduação em Economia da UNESP possui semelhança com a disciplina lecionada pelo Conceição na UFRGS. Ambas apresentam a EIO de forma predominante no curso, mas apresentam a NEI. O curso de Guedes é dividido em institucionalismo original (Veblen, Commons, Mitchell e Ayres), NEI (Williamson, Coase, North e Elinor Ostrom), o Institucionalismo Radical e o institucionalismo contemporâneo.

Em síntese, os institucionalistas brasileiros apresentam a sua compreensão sobre o movimento institucionalista de forma diversa para as próximas gerações. Existem três tipos de cursos lecionados por institucionalistas brasileiros: (1) Dequech e Pessali lecionam disciplinas sobre instituições nas abordagens econômicas, esses cursos possuem uma relação tímida com a EIO, quando há relação. (2) Conceição e Guedes lecionam disciplinas sobre EIO predominantemente, mas NEI também faz parte do curso. (3) Fernandez, Luz e Almeida lecionam cursos que se debruçam exclusivamente sobre EIO.

## ***5- Conclusão***

Para analisar se há uma vertente da EIO no Brasil, inicialmente, identificamos quem são os institucionalistas originais brasileiros. Uma vez que o *JEI* é a principal revista dedicada ao institucionalismo original, utilizamos como critério de identificação ter publicado pelo menos um artigo no *JEI*. Como o *JEI* também publica artigos heterodoxos, para identificarmos os institucionalistas originais brasileiros excluindo os heterodoxos brasileiros que publicaram no *JEI*, utilizamos a Plataforma Lattes para verificar se as pessoas identificadas lidavam com EIO nos seus estudos. Também via Plataforma Lattes, foi possível reconstruir a história das relações sociais e da comunidade dos institucionalistas, através da identificação de artigos, alunos, ex-alunos e universidades (nas quais trabalham ou trabalharam) associados aos institucionalistas brasileiros. Obviamente, estudos que utilizem outra *proxy* para identificação dos institucionalistas originais brasileiros podem identificar pessoas diferentes, a nossa *proxy* pode ser um limitador do nosso estudo.

Uma vez identificados os institucionalistas originais brasileiros buscamos compreender o corpo teórico da EIO no Brasil. Nos baseamos em duas vertentes: (1) o institucionalismo produzido pelos institucionalistas originais brasileiros e (2) o institucionalismo reproduzido (ensinado) pelos institucionalistas originais brasileiros. Para analisar (1) criamos dois mapas de co-citação, um deles baseado em todos os textos publicados no *JEI* e outro considerando somente autores brasileiros – o recorte temporal foi de 1999, quando o primeiro texto de autoria de brasileiro foi publicado, até 2020. Comparando os resultados dos institucionalistas em geral com os brasileiros, foi possível perceber que os brasileiros possuem uma noção mais abrangente de institucionalismo pois tanto obras que compõem a EIO quanto outras abordagem fazem parte dos artigos dos brasileiros – o mesmo não ocorre no caso dos institucionalistas originais.

A análise de (2) reforça o resultado de (1), pois ao estudar os programas das disciplinas dos institucionalistas brasileiros percebemos uma noção abrangente de institucionalismo. Há três tipos de disciplina (1) cursos pautados estritamente na EIO; (2) cursos focados na EIO mas que também lidam com a NEI; e (3) cursos que lidam com o papel das instituições em diversas abordagens econômicas. Dado os nossos resultados, não podemos afirmar que existe uma vertente da EIO no Brasil. Mas podemos afirmar que existem institucionalistas brasileiros que lidam com EIO e esse pode ser um primeiro passo

para uma vertente brasileira. Além disso, existem brasileiros que pensam economia institucional de forma mais abrangente que EIO.

### **Referências**

Almeida, Felipe. 2011. “Vicarious Learning and Institutional Economics” *Journal of Economic Issues* 45(4): 839-855

Almeida, Felipe. 2014. “Thorstein Veblen and Albert Bandura: A Modern Psychological Reading of the Conspicuous Consumer” *Journal of Economic Issues* 48 (1): 109-122

Almeida, Felipe. 2022. “Geoffrey Hodgson’s institutional economics: Veblenian origins and beyond” *Research in the History of Economic Thought and Methodology* no prelo.

Almeida, Felipe; e Mortari, Valéria. 2021. “Smartphones, Social Networks, and Fake News: Institutional Economics Approach to Decision Making in the Twenty-First Century” *Journal of Economic Issues* 55(2): 342-348

Almeida, Felipe e Cruz-e-Silva, Victor. 2020. “Allan Gruchy’s view of institutionalism and the foundation and early years of the Association for Evolutionary Economics” *Revista de Economia da Anpec (Economia)* 21(3): 394-406

Almeida, Felipe; e Cavalieri, Marco. 2020. “Understanding Clarence Ayres’s Criticism of an Emerging Mainstream and Birthing Institutionalism through the 1930s Ayres-Knight Debate” *Journal of the History of Economic Thought*, 42(3): 401-416

Almeida, Felipe; de Paula, Nilson; e Pessali, Huáscar. 2014. “Institutional entrepreneurship in building the Brazilian market of functional yogurts” *British Food Journal* 116(1): 2-15

Almeida, Felipe; Pessali, Huáscar; e de Paula, Nilson. 2010. “Third-Party Certification in Food Market Chains: Are You Being Served?” *Journal of Economic Issues* 44(2): 479-486

Anjos, Moacir dos, Jr. 1999. “Money, Trust, and Culture: Elements for an Institutional Approach to Money” *Journal of Economic Issues* 33(3): 677-688

Ayres, Clarence. 1944. *The Theory of Economic Progress*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press

Bassani, Carolina; Gomes, Bruno; Pessali, Huáscar. 2020. “Municipal Councils of Tourism and Democratic Goods: Comparative Analysis between Curitiba-PR and Belo Horizonte-MG (Brazil)” *Rosa dos Ventos*, 12(1): 154-168

Barddal, Fabiana; Pessali, Huáscar; e Gomes, Bruno. 2021. “Conselhos municipais de esportes das capitais brasileiras e o exercício da participação” *Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport* 13(1): 257-273

Böck, Ricardo e Almeida, Felipe. 2018. “Clarence Ayres, Ayresianos e a Evolução do Institucionalismo Vebleniano” *Economia e Sociedade* 27(2): 381-407

Bush, Paul Dale. 1987. “The theory of institutional change” *Journal of Economic Issues* 21(3): 1075-1116

Bush, Paul Dale. 1991. “Reflections on the Twenty-Fifth Anniversary of AFEE: Philosophical and Methodological Issues in Institutional Economics” *Journal of Economic Issues* 25(2): 321-346

Cavaliere, Marco e Almeida, Felipe. 2017. “A History of the Foundation and the Early Years of AFEE: Pluralism and Eclecticism in Dissenting” *Journal of Economic Issues* 51(3): 613–634

Commons, John. (1931) “Institutional Economics” *The American Economic Review*, 21(4): 648-657

Conceição, Octavio. 2003. “Desenvolvimento, mudança tecnológica e instituições: notas sobre os desafios à reestruturação da economia brasileira” *Revista de Economia* 27(2): 65-86

Conceição, Octavio; e Ferrari, Fernando. 2005. “The Concept of Uncertainty in Post Keynesian Theory and in Institutional Economics” *Journal of Economic Issues* 34(3): 579-594

Conceição, Octavio; e Cabriani, Carlos. 2019. “Institucionalistas e pós-keynesianos - ensaio sobre incerteza em uma economia capitalista financeira moderna” *Economia e Sociedade* 28(1): 1-23

Dequech, David. 2009. “Institutions, social norms, and decision-theoretic norms” *Journal of Economic Behavior & Organization*, 72 (1): 70–78

Dequech, David. 2011. “Uncertainty: A Typology and Refinements of Existing Concepts” *Journal of Economic Issues*, 45 (3): 621–640

Dequech, David. 2013. “Logics of Action, Provisioning Domains, and Institutions: Provisioning Institutional Logics” *Journal of Economic Issues*, 47 (1): 95–112

Dequech, David. 2017. “Some institutions (social norms and conventions) of contemporary mainstream economics, macroeconomics and financial economics” *Cambridge Journal of Economics*, 41 (6): 1627–1652

Dequech, David. 2018. “Applying the Concept of Mainstream Economics outside the United States: General Remarks and the Case of Brazil as an Example of the Institutionalization of Pluralism” *Journal of Economic Issues*, 52 (4): 904–924

- Dugger, William. 1990. "The New Institutionalism: New But Not Institutionalist" *Journal of Economic Issues* 24(2): 423-431
- Elsner, Wolfram. 2012. "The Theory of Institutional Change Revisited: The Institutional Dichotomy, Its Dynamic, and Its Policy Implications in a More Formal Analysis" *Journal of Economic Issues* 46(1):1-44
- Fernandez, Ramon. 1996. "A Retórica e a Procura da Verdade em Economia" In Rego, José Marcio (org.). *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34
- Fernandez, Ramon. 2000. "McCloskey, Maki e a Verdade" *Estudos Econômicos* 30(4): 597-628
- Fernandez, Ramon. 2021. "South America in the Twenty-First Century: Twenty Years on a Roller Coaster" *Journal of Economic Issues*, 55(2): 306-317
- Fernandez, Ramon e and Suprinyak, Carlos. 2019. "Manufacturing Pluralism in Brazilian Economics" *Journal of Economic Issues*, 53(3): 748-773
- Fiorito, Luca. 2012. "American Institutionalism at Chicago: A Documentary Note." *European Journal of History of Economic Thought*, 19 (5): 829-836
- Gambus, Ivan; e Almeida, Felipe Almeida. 2017. "Public Policy, Vested Interest, and Common People in Brazil in the Twenty-First Century" *Journal of Economic Issues*, 51(3): 486-494
- Guedes, Sebastião. 2019. *Introdução à Teoria Econômica de John Rogers Commons*. Curitiba: Appris
- Gruchy, Allan. 1947. *Modern Economic Thought: the American Contribution*. New York: Prentice-Hall
- Hall, John. 2011. Book Review: Darwin's Conjecture: The Search for General Principles of Social and Economic Evolution by Geoffrey M. Hodgson and Thorbjørn Knudsen. *Journal of Economic Issues* 45(3): 743-745.
- Hodgson, Geoffrey. 1988. *Economics and Institutions: A Manifesto for a Modern Institutional Economics*. Cambridge (UK): Polity Press
- Hodgson, Geoffrey. 1989. "Post Keynesianism and Institutionalism: The Missing Link" In Pheby, John. (org.) *New Directions in Post-Keynesian Economics*. Aldershot (UK): Edward Elgar
- Hodgson, Geoffrey. 1998. "The Approach of Institutional Economics" *Journal of Economic Literature* 36(1): 166-192

- Hodgson, Geoffrey. 2000. "What Is the Essence of Institutional Economics?" *Journal of Economic Issues* 34(2): 317-329
- Hodgson, Geoffrey. 2002. "The evolution of institutions: an agenda for future theoretical research" *Constitutional Political Economy* 13(2): 111-127
- Hodgson, Geoffrey. 2003. "The hidden persuaders: institutions and individuals in economic theory" *Cambridge Journal of Economics* 27(2): 159-175
- Hodgson, Geoffrey. 2004a. *The Evolution of Institutional Economics: Agency, Structure and Darwinism in American Institutionalism*. Londres: Routledge
- Hodgson, Geoffrey. 2004b. "Reclaiming habit for institutional economics" *Journal of Economic Psychology* 25(5): 651-660
- Hodgson, Geoffrey. 2005. "Generalizing Darwinism to Social Evolution: Some Early Attempts" *Journal of Economic Issues* 39(4): 899-914
- Hodgson, Geoffrey. 2006. "What Are Institutions?" *Journal of Economic Issues* 40(1):1-25
- Hodgson, Geoffrey. 2007. "The Revival of Veblenian Institutional Economics" *Journal of Economic Issues* 41(2):324-340
- Kaufman, Bruce. 2017. "The origins and theoretical foundation of Original Institutional Economics Reconsidered" *Journal of the History of Economic Thought*, 39(3): 293-322
- Lawson, Tony. 1997. *Economics and Reality*. Londres e Nova York: Routledge
- Lawson, Tony. 2003. *Reorienting Economics*. Londres e Nova York: Routledge
- Lopes, Herton; Conceição, Octavio; e Pereira, Adriano. 2019. "Limites para institucionalização de uma estratégia nacional de desenvolvimento no Brasil: uma análise das propostas 'novo' e 'social' desenvolvimentistas" *Desenvolvimento em Debate* 7(2): 91-111
- Luz, Manuel Ramon. 2017. "Logic of Scientific Inquiry and the Evolutionary Process: In Search of a Veblenian Descriptive Model" *Journal of Economic Issues*, 51(4): 891-914
- Luz, Manuel Ramon. 2019. "Cognition, Social Impulse, and the Principle of Adaptation: Insights into the Peirce-Veblen Connection" *Journal of Economic Issues*, 53(2): 349-354
- Luz, Manuel Ramon; e Hall, John. 2019. "Original Institutional Economics and Political Anthropology: Reflections on the nature of coercive power and vested interests in the works of Thorstein Veblen and Pierre Clastres" *Journal of Economic Issues*, 53(2):508-514
- Mählck, Paula; e Persson, Olle. 2000. "Socio-bibliometric mapping of intra-departmental networks" *Scientometrics*, 49 (1): 81-91.

- Maucourant, Jérôme. 2012. “New Institutional Economics and History” *Journal of Economic Issues* 46(1): 193-208.
- Mayhew, Anne. 1987. “The Beginnings of Institutionalism” *Journal of Economic Issues*, 21(3): 971-998
- Neale, Walter. 1987. “Institutions” *Journal of Economic Issues* 21 (3): 1177-1206
- Pessali, Huáscar. 2009. “Metaphors of Transaction Cost Economics”. *Review of Social Economy*, 47(3): 313-328
- Pessali, Huáscar; Fernandez, Ramon.1999. “Institutional Economics at the Micro Level? What Transaction Costs Theory Could Learn from Original Institutionalism (In the Spirit of Building Bridges)” *Journal of Economic Issues* 33(2): 265-275
- Polanyi, Karl. 2001 [1944]. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time Paperback*. Massachusetts: Beacon Press
- Rutherford, Malcolm. 1983. “J. R. Commons’s Institutional Economics” *Journal of Economic Issues*, 17(3): 721-744
- Rutherford, Malcolm. 1996. *Institutions in Economics: The Old and the New Institutionalism*. Cambridge: Cambridge University Press
- Rutherford, Malcolm. 1997. “American Institutionalism and the History of Economics” *Journal of the History of Economic Thought*, 19(2):178–95.
- Rutherford, Malcolm. 2000. “Institutionalism between the Wars” *Journal of Economic Issues* 34(2): 291–303
- Rutherford, Malcolm. 2011. *The Institutionalist Movement in American Economics, 1918-1947: Science and Social Control*. New York: Cambridge University Press
- Salles, Alexandre; Pessali, Huáscar; e Fernandez, Ramon. 2017. *Economia Institucional: Fundamentos Teóricos e Históricos*. São Paulo: Editora Unesp
- Small, Henry. 1973. “Co-citation in the scientific literature: A new measure of the relationship between two documents” *Journal of the Association for Information Science and Technology* 24(4): 265-269
- Stanfield, Ron. 1980. “The Institutional Economics of Karl Polanyi” *Journal of Economic Issues*, 14(3): 593-614
- Taioka, Tainari; Almeida, Felipe; e Fernandez, Ramon. 2020. “Thorstein Veblen’s Institutional Economics and Daniel Kahneman and Amos Tversky’s Behavioral Economics: an analysis of convergent points” *Brazilian Journal of Political Economy* 40(4): 746-765

Vasconcelos, Daniel; Goulart. Máisa; e Fernandez, Ramon. 2018. “Mais pluralismo: considerações sobre a relevância do Movimento por uma Economia Pós-Autista” *Nova Economia* 28(3): 715-743

Veblen, Thorstein. 1998. “Why is economics not an evolutionary science?” *Cambridge Journal of Economics*, 22: 403–414 [Originally published in 1898 in *The Quarterly Journal of Economics*, July, 373–397]

Veblen, Thorstein. 2007 [1899]. *The Theory of the Leisure Class*. Oxford: Oxford University Press

Veblen, Thorstein. 2009 [1904]. *The Theory of Business Enterprise*. Gloucester, United Kingdom: Dodo Press

Veblen, Thorstein. 1906. The place of science in the modern civilization. *The American Journal of Sociology* 11(5):585–609

Veblen, Thorstein. 1909. “The Limitations of Marginal Utility.” *Journal of Political Economy* 17(9):620–36

Veblen, Thorstein. 2006 [1914]. *The instinct of workmanship and the state of the industrial arts*. New York: Cosimo

Veblen, Thorstein. 2005 [1919]. *The vested interests and the common man*. New York: Cosimo.

Veblen, Thorstein. 1997 [1923]. *Absentee Ownership and Business Enterprise in Recent Times: The Case of America*. New York: Routledge

Wrenn, Mary. 2016. “Neoliberalism, Polanyi’s Protective Response, and Veblenian Waste” *Journal of Economic Issues* 50(2):594-602

Zalewski, David. 2018. “Uncertainty, Control, and Karl Polanyi’s Protective Response” *Journal of Economic Issues* 52(2): 483-489